

Quatro aspetos pessoais influenciaram especialmente a escrita deste livro. Um deles é, precisamente, o facto de ser mulher.

Durante o trabalho de reportagem percebi que as mulheres nunca tinham direito a visita íntima, a não ser que os próprios maridos estivessem presos também. Porque só as cadeias masculinas prevêm este tipo de visita. Não havendo nenhuma explicação prática ou legal para isso, tentei perceber porque seria assim. Depois de ouvir várias mulheres, cheguei à conclusão que elas, ao contrário dos homens, têm receio de reinvidar o direito à sexualidade. Como se fazê-lo pudesse transformá-las em monstros. Sei que está fora de moda falar de emancipação feminina, mas esta é, para mim, a prova de que ela continua a ser necessária. As mulheres estudam, trabalham, têm independência económica, mas ainda têm vergonha de reivindicar o direito ao prazer. Pois eu estou convencida que só depois disso se poderá falar de verdadeira emancipação. E agora poderiam dizer-me: «Ah, mas cá fora é diferente!» Não, não é.

O que me leva ao ponto seguinte. Uma das principais razões, embora raramente assumida, para se prenderem pessoas é a sensação de segurança que os muros dão. Eu acredito que é obrigação do jornalista denunciar – porque sem denúncia, não há transformação – e dar a conhecer o que é menos conhecido. As prisões são instituições que funcionam longe dos olhares públicos e isso facilita abusos. Dentro delas está uma faceta da nossa sociedade, por muito que custe admitir. O jornalista polaco Kapuscinsky escreveu que há três possibilidades quando encontramos o ‘Outro’: escolher a guerra; balizar-se atrás de um muro ou iniciar um diálogo. Como jornalista, só podia escolher iniciar um diálogo com as dezenas de presas que entrevistei. E aprendi muito com elas. Por uma razão simples: na vida aprendemos mais com os erros do que com os sucessos. Estas são mulheres que erraram. Espanta-me que se ignore um tal manancial de conhecimento sobre nós e o outro. Sei que vivemos num tempo de adoração pelo sucesso e estas não são mulheres bem sucedidas. Mas, posso-vos garantir, são muito mais interessantes do que muitos dos bem sucedidos que hoje idolatramos.

O terceiro aspeto que influenciou o meu trabalho foi o facto de ser mãe. Para vos falar disso, nada melhor do que citar – os meus filhos. O Rafael, com 7 anos, olhou para a capa do livro e perguntou-me: «Ó mãe, este menino está dentro ou está fora do muro?» De facto, um muro é-o tanto para quem está dentro, como para quem está fora. Com esta pergunta mostrou-se mais sábio do que muitos adultos. À minha filha Matilde, de 11 anos, perguntei-lhe o que achava da capa. Ao que ela respondeu: «Está ótima! E o que está lá dentro também!» Como tinha acabado de entrar em casa com o primeiro volume que me chegou às mãos, espantei-me: «Mas ainda nem tiveste tempo de ler, como sabes que está ótimo?» Resposta dela: «Pois não, mas sei que te deu muito trabalho, por isso está bom de certeza!» Respondi-lhe com um abraço e fiquei a pensar numa fotografia que tenho à entrada de minha casa. Foi-me oferecida por um fotógrafo brasileiro, Robson Oliveira, depois de um trabalho que fiz sobre exploração sexual infantil no Brasil. A fotografia mostra um menino em tronco nu, a comer uma manga junto a um muro que tem escrita a seguinte frase: «Falar de mim é fácil, difícil é ser eu». A minha filha tem razão: deu-me trabalho escrever este livro sobre mães prisioneiras. Mas ser elas – ou, pior ainda, filha delas – seria muito mais difícil.

Termino com o último aspeto que influenciou este livro de reportagem: o facto de ser portuguesa. Parte da reportagem foi feita nos EUA, o que me permitiu perceber que Portugal tem um trabalho muito mais humano com as prisioneiras do que poderíamos supor. Estamos, portanto, numa área em que fazemos melhor do que muitos outros. Estes são tempos de sofrimento para os portugueses e, por vezes, sinto que se culpa um povo sem culpa formada. Mais do que ganhar muito dinheiro e olhar para curvas de crescimento, precisamos de olhar para o melhor de nós: o nosso coração. O que me lembra uma peça de teatro a que assisti recentemente, «Bruxas de Salem». Retive uma frase: «Mostra-lhes um coração de pedra e afunda-os com isso!» Os corações de pedra servem para afundar, não para salvar. Só quando nos libertarmos do coração de pedra em que se transformou a obsessão pelos números, nos libertaremos da crise. Assim como só diminuirá a criminalidade quando olharmos o ‘outro’ para começar diálogos em vez de construir muros. Para escrever o meu livro, ouvi os que nunca são ouvidos: criminosas, mulheres e crianças. Espero que estas páginas contribuam para olharmos para todos eles como parte do que somos.